

ESTRATÉGIA DIDÁTICA NO ENSINO SUPERIOR: O
TRABALHO EM GRUPO EM DESTAQUE

Mousar Casanova

Maria de Fátima Ramos de Andrade

Modalidade: Comunicação Científica

Resumo

Metodologias de educação que estimulam a formação de grupos para trabalhos têm sido estratégias usadas por educadores como apoio no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. O trabalho em grupo propicia um ambiente potencial para estimular o pensamento crítico, o desenvolvimento de capacidades de interação, a troca de informações, a busca mútua na resolução de problemas. O objetivo do texto é apresentar um estudo bibliográfico sobre o tema “trabalho em grupo” no contexto escolar. Esse texto faz parte de uma pesquisa, em andamento, que pretende investigar os critérios utilizados pelo professor quando ele propõe o trabalho em grupo como estratégia de aprendizagem no ensino superior. A investigação, de caráter qualitativo, está estruturada em quatro etapas: estudo bibliográfico, já concluído, pesquisa de campo com aplicação de questionário e entrevistas com professores do ensino superior, em andamento, tratamento dos dados e das informações e, por último, conclusão referendada pela fundamentação teórica.

Palavras-chave: Trabalho em grupo; Ensino Superior; Estratégias de ensino.

Introdução

O estudo bibliográfico sobre o tema oferece clareza de que o papel do ensino é a busca pela construção e pelo domínio do conhecimento – o professor sendo o mediador entre o aluno e a transformação do conhecimento. Cumpre lembrar que o presente artigo é parte de uma pesquisa maior que tem como objetivo principal investigar como os professores do ensino superior colocam à disposição de seus alunos meios para organizar, sistematizar, enriquecer e ampliar suas experiências de aprendizagem, tendo em foco o trabalho em grupo como estratégia de aprendizagem. Na parte final, apresentamos a análise dos dados coletados sustentados pela fundamentação teórica.

1. Princípios educacionais de Freinet e Vygotsky

A proposta pedagógica de Freinet é pautada na ideia de que o trabalho e a educação precisam estar ligados entre si; ele entende que é por meio da realização do trabalho que o aluno se relaciona com o meio social. Para Freinet, a escola precisa ser um ambiente que possa propiciar ao aluno uma atividade produtiva, prática e concreta, desenvolvendo uma função ativa e proporcionando um efeito mobilizador no processo de ensino-aprendizagem. A percepção de Freinet é que os alunos tinham maior interesse pelo que ocorria fora da escola. Dessa forma, ele sabia utilizar muito bem técnicas que faziam os alunos ganharem motivação, buscando na aula passeio, por exemplo, estímulos externos ao ambiente escolar para o processo de aprendizagem.

É lamentável qualquer método que pretenda fazer beber o cavalo que não está com sede. É bom qualquer método que abra o apetite de saber e estimule a poderosa necessidade do trabalho. (FREINET, 2004, p.19)

A metodologia empregada por Freinet (1976) respeitava a individualidade do aluno, bem como a diversidade do grupo – situação favorecedora de um ambiente em que o aluno podia ser quem ele era, pois havia respeito à pessoa tal qual ela era.

Abrir o apetite do aluno era não o submeter a modelos preestabelecidos das explicações exaustivas, da lição permanente na qual a voz do professor é o instrumento mais importante na sala, mas a metodologia que oferecia uma educação condizente com as necessidades e práticas do dia a dia.

Elias (2008) e Imbernón (2010), estudiosos de Freinet, descrevem a estrutura de sua pedagogia em quatro eixos fundamentais:

Cooperação: permite desenvolver entre os alunos e os professores, relações que conduzem à organização das diversas modalidades de trabalho: conversa livre, conselho de classe, reunião cooperativa de acordo com a idade dos alunos, promovendo a construção social do conhecimento. A educação precisa incentivar o aluno ao exercício da cooperação e o professor a ser um mediador do aprendizado. A cooperação transforma as condições de trabalho dos alunos em sala de aula e estabelece novas possibilidades nas relações, privilegiando responsabilidades e competências de cada aluno, valorizando o êxito de todos na atividade, desenvolvendo maturidade no tratamento e a correção dos erros e viabilizando novas alternativas.

Comunicação e expressão livre: o aluno dispõe de competências necessárias para expressar suas ideias, opiniões e pensamentos. Para isso, basta ter a liberdade para expressá-las e as condições para desenvolvê-las. A comunicação e a livre expressão eram práticas opostas à cultura e ao contexto em que Freinet vivia, mas ele entendia que o aluno tinha o direito de se manifestar.

A educação do trabalho: enquanto princípio educativo e atividade produtiva, apoia o aluno a construir sua própria aprendizagem, planejada e desenvolvida tanto individual quanto coletivamente. A atividade para o aluno é do aluno, e não é vista como uma imposição que se torna um fardo na ansiedade de se ver livre da tarefa, mas como uma atividade agradável e com um propósito. O processo de aprendizagem ocorre melhor em situações reais em que simulam situações próximas da realidade, pois são criadas as condições e a ambientação para que o conhecimento faça sentido pela aplicação prática, o que permite tomar decisões semelhantes às adotadas na vida real, gerando envolvimento, cooperação e colaboração.

O tateamento experimental: é um processo que está associado a uma dinâmica contínua de cada indivíduo como parte integrante da formação da sua personalidade e do seu desenvolvimento cognitivo, social e psíquico. Portanto, não é uma técnica, mas uma ação realizada pelo aluno na busca pela construção do conhecimento de maneira sólida e estável. É possível favorecer o tateamento experimental em sala, apresentando-se situações verdadeiras, problemáticas e desafiadoras, estimulando-se o pensamento crítico a respeito de tudo que será experimentado, facilitando-se a aprendizagem com ferramentas e recursos.

A teoria de Vygotsky (1999, 2007) trazem uma abordagem denominada por pesquisadores e estudiosos (ELIAS, 1997; IVIC, 2010; OLIVEIRA, 2002; REGO, 2014) de teoria sócio-histórico-cultural do desenvolvimento humano. Por esta abordagem, o contexto cultural e o ambiente no qual a pessoa está inserida têm influência direta na formação psicológica da pessoa.

O desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança. (VYGOTSKY, 1999, p. 62).

Ivic (2010) procura resumir a definição e a especificidade da teoria de Vygotsky no seguinte conjunto de palavras-chave: sociabilidade do homem,

Formatado: Normal (Web), Recuo:
Primeira linha: 1,5 cm, Padrão:
Transparente

interação social, signo e instrumento, cultura, história, funções mentais superiores. E, se houvesse que reunir essas palavras e essas fórmulas em uma única expressão, pode-se dizer que a teoria de Vygotsky é uma “teoria sócio-histórico-cultural do desenvolvimento das funções mentais superiores”, ainda que ela seja chamada mais frequentemente de “teoria histórico-cultural”.

Vygotsky (1999) demonstra, por meio de suas pesquisas, que o funcionamento da mente se dá através de uma relação direta do contexto social da pessoa: “o crescimento intelectual da criança depende de seu domínio e dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem” (p.63). Os aspectos relevantes de suas concepções teóricas podem ser descritos de maneira sintética, da seguinte forma:

Característica sociocultural: a dimensão social e cultural de uma pessoa não se manifesta separadamente: ambas estão intimamente ligadas. As relações sociais se desenvolvem dentro de uma cultura, de forma que a manifestação cultural está inserida numa determinada sociedade.

Característica cultural-psíquica: o desenvolvimento e funcionamento psicológico de uma pessoa tem como base as relações sociais dentro de um contexto histórico. Vygotsky (2007, p. 68) faz uma ressalva importante para o entendimento do conceito de psicologia histórica, dizendo que não é o estudo de um evento do passado, mas é o estudo do indivíduo no seu processo de mudança, requisito básico do método dialético.

Dessa forma, Vygotsky (2007) afirma que as funções psicológicas superiores estão sujeitas à lei fundamental do desenvolvimento sem exceções e surgem ao longo do curso geral do desenvolvimento psicológico como algo introduzido de fora para dentro, ou seja, as funções psíquicas têm origem nas relações do indivíduo e seu contexto social e cultural.

Característica biológica: Vygotsky (1999) aponta em seus estudos que “a natureza do próprio desenvolvimento se transforma, do biológico para o sócio-histórico”. Dessa forma, o cérebro, como o principal órgão da atividade mental e do funcionamento biológico, oferece suporte ao sistema psicológico, que interage com o meio cuja estrutura e *modus operandi* são moldados ao longo da convivência social e cultural. O cérebro, no sentido psicológico, atua como um sistema aberto, podendo sofrer transformações para se adaptar ao meio, ao contexto e aos acontecimentos.

Portanto, as funções psicológicas são suportadas pelo funcionamento biológico que é atividade natural do órgão, mas que são psicologicamente transformadas em contato do indivíduo com ambiente.

Característica mediadora: Vygotsky (1999) diz que “o pensamento não é simplesmente expresso em palavras: é por meio delas que ele passa a existir, ou seja, o pensamento não existe sem a linguagem. É imprescindível algo que possa mediar o pensamento, no caso a linguagem, utilizada como um signo mediador. Essa é, portanto, uma característica presente em todas as circunstâncias da vida de uma pessoa para as relações de convivência e comunicação.

As relações do indivíduo com tudo que o cerca é necessariamente uma relação mediada por sistemas simbólicos. A interface entre nós e o mundo se dá por elementos mediadores convencionados pela sociedade e cultura como forma auxiliar de nos relacionar com o outro e com o meio.

Vygotsky analisou aspectos muito peculiares do comportamento humano, elaborando teorias de como o indivíduo se forma e se desenvolve no seu contexto histórico-social-cultural e como ele transforma e é transformado pelo ambiente, aperfeiçoando sua própria condição de vida e dos outros.

Vygotsky (1999) argumenta que o contato da pessoa com o meio e com os outros é uma relação mediada, dado que a pessoa não tem contato direto com os objetos, e sim de forma mediada. Os processos mentais superiores, ou funções psicológicas superiores, como Vygotsky denomina, estão organizados de tal maneira que a relação entre o indivíduo e o meio é necessariamente mediada por instrumentos que dão suporte às atividades humanas.

1.2 Considerações sobre Freinet e Vygotsky e o trabalho em grupo

Freinet e Vygotsky dialogam com muita sintonia com a concepção sociointeracionista de aprendizagem. Ambos consideram que a interação social favorece a aprendizagem, que as metodologias e as experiências de aprendizagem precisam ser estruturadas de modo a propiciar a colaboração e a troca de informações, visando a busca conjunta do conhecimento.

A aprendizagem é uma experiência social e o professor deve mediá-la, utilizando estratégias que estimulem a busca pelo conhecimento e levem os alunos a se tornarem independentes, assim como, criando a cada evento, novas ondas de desenvolvimento potencial.

O trabalho em grupo pode ser uma estratégia de aprendizagem que estimule esses princípios, pois permite que o aluno estruture seu conhecimento em grupo com participação ativa e colaboração dos colegas. Sua utilização deve possibilitar a criação de ambientes participativos e colaborativos, que proporcionam constantes desafios.

Os estudos referenciados de Freinet e Vygotsky mostram-se muito adequados às atividades colaborativas e à troca de ideias por meio da interação social. São propostas que podem transformar as circunstâncias do aprendizado em sala de aula e estabelecer novas possibilidades nas relações socioculturais, uma vez que valorizam as responsabilidades e competências de cada aluno, reconhecendo o êxito de cada um na atividade desenvolvida, a maturidade no tratamento e na correção dos erros. Ao mesmo tempo possibilita novos horizontes.

2. Trabalho em grupo: uma estratégia de aprendizagem

Freinet e Vygotsky dialogam com suas práticas e teorias de modo que o conhecimento vai sendo construído com a participação do outro e do meio social. Suas teorias trazem luz para a importância das experiências e interações sociais: o conhecimento é adquirido nas trocas e cooperação mútua.

É interessante notar as conexões entre as teorias de Vygotsky e as técnicas pedagógicas de Freinet, que têm base em princípios fundamentais como a aprendizagem de forma colaborativa, o desejo de expressão e o desenvolvimento como resultado de um processo sócio-histórico e cultural. Os dois autores enfatizam o papel da linguagem e da aprendizagem no desenvolvimento do indivíduo que interage com o meio.

No trabalho em grupo, os alunos tendem a desenvolver de forma coletiva o conhecimento e aplicá-lo na solução de um problema e, mesmo que inconscientemente, utilizam competências de maneira complementar: adaptam-se aos diferentes estilos comportamentais e psicológicos. Além disso, possuem histórico de vida e formação que podem dar contornos diferentes aos resultados e ao desempenho de um grupo, o que influencia direta ou indiretamente a aprendizagem.

Nesse sentido, o professor é o referencial em experiência. Ele pode conduzir os alunos a uma reflexão crítica de mundo, imaginar e explorar as possibilidades que os cercam e levar a uma compreensão de como tudo impacta o seu desenvolvimento e aquisição de conhecimento. Ao professor cabe também o papel de criar situações de aprendizagem para os grupos de trabalho para que sejam auxiliados mutuamente na construção do conhecimento, tanto na troca entre os alunos e entre ele (professor) e os alunos.

Segundo Zabala (1998), as formas de organização em grupos apresentam as seguintes configurações:

a) Grupo/escola: é a configuração básica da estrutura social da escola e é determinada por suas diretrizes de gestão e de atividades que desenvolve. São de responsabilidade do grupo/escola, também denominado de **grande grupo**, as atividades gerais para todos; comemorações cívicas e folclóricas, atividades esportivas, culturais e sociais.

b) Grupo/classe fixo: é forma convencional de se organizar grupo de alunos por sala de aula geralmente da mesma faixa etária. São grupos mais estáveis, pois os alunos permanecem juntos durante o ano letivo e por vezes até o final do ciclo, o que favorece as relações interpessoais, cooperação e uma dinâmica de aprendizagem de apoio entre eles. No grupo/classe fixo, também podem ser encontradas atividades do grande grupo – exposições, assembleias, debates, etc. – e atividades organizativas, de convivência, trabalho, estudo, avaliação, etc.

c) Grupo/classe móvel ou flexível: são grupos organizados também por sala de aula, mas são diferentes conforme a atividade ou a matéria. Esta forma de agrupamento é comum em escolas que adotam o sistema de crédito por disciplina ou disciplinas opcionais. Nesse formato de grupo, um aluno pode fazer parte de um ou mais grupos móveis ou flexíveis, conforme a grade curricular que precisar cumprir. Nessa modalidade, existe a possibilidade de se ampliar a rede de colegas e a capacidade de resposta aos diversos interesses e competências dos alunos. As mesmas atividades aplicadas no grupo/classe fixo também podem ser aplicadas ao grupo/classe móvel flexível.

Além das diferentes formas e características dos grupos – grande grupo, grupo/fixo e grupo/classe móvel – no âmbito da escola, há também estratégias para se organizarem as atividades em sala de aula em equipes fixas e equipes móveis ou flexíveis e atividades individuais.

d) Equipes Fixas: grupos de cinco a oito alunos durante um período de tempo determinado (três meses até um ano, até no final do ano letivo...) cujas funções fundamentais são a organizativa e a convivência. A função organizativa estabelece responsabilidades para cada aluno, desde uma atividade administrativa até a responsabilidade pelo acompanhamento do trabalho dos membros do grupo. A função de convivência propicia a integração, cooperação e o relacionamento interpessoal.

e) Equipes móveis ou flexíveis: são formadas por dois ou mais alunos com o objetivo de desenvolver uma tarefa específica e a sua duração se limita exatamente ao tempo de duração da tarefa dada – horas, dias, semanas, trimestre... Também são adequadas para tarefas com conteúdos procedimentais, bem como para conteúdos atitudinais no âmbito das relações interpessoais.

f) Trabalho individual: são atividades que os alunos realizam individualmente, sendo muito comum como forma de trabalho que é aplicado em determinados momentos do processo de ensino-aprendizagem. Na verdade, o trabalho em grupo não exclui o esforço individual, pois o processo de ensino-

aprendizagem pode se apropriar de vários meios para viabilizar e potencializar a consecução de seus objetivos, no entanto, Zabala afirma que é importante reflexão de que a aprendizagem depende do próprio indivíduo.

3. A pesquisa de campo: alguns achados

De natureza qualitativa, a pesquisa de campo permitirá, por meio de questionário e entrevistas, apontarmos quem são os professores (perfil), se fazem uso do trabalho em grupo em suas salas e como estruturam essa metodologia. O público alvo da pesquisa são professores do curso de licenciatura em pedagogia de uma faculdade de Ensino Superior privada, localizada na zona leste do município de São Paulo. Até o momento, fizemos um levantamento bibliográfico a respeito da temática proposta. Conseguimos identificar os princípios de devem nortear o trabalho em grupo. Na sequência, pretendemos analisar os dados que já foram coletados, buscando confirmar a hipótese de que o trabalho em grupo, como estratégia de aprendizagem, oferece uma oportunidade concreta de construir o conhecimento de forma coletiva e colaborativa e que há enorme potencial de o aluno se relacionar de formas variadas com o conhecimento e que pode ser desenvolvido por meio de uma participação ativa do aluno, que não influencia apenas na retenção individual do conteúdo, mas também do grupo.

Referências bibliográficas

ELIAS, M. D. C. *Célestin Freinet: Uma Pedagogia de Atividade e Colaboração*. Edição 8: Petrópolis, RJ, 2008.

_____. A Atualidade da Proposta de Pedagógica de Freinet. *RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, vol. 12, n. esp. 1, p.612-619, 2017.

FREINET, C. *As Técnicas Freinet da Escola Moderna*. Edição 2. Editorial Estampa, 1976.

_____. *Para Uma Escola do Povo – Guia Prático para a Organização Material, Técnica e Pedagógica da Escola Popular*. Edição 2. São Paulo. Martins Fontes, 2001.

_____. *A Educação do Trabalho*. Edição 1: Martins Fontes, São Paulo, 1998

_____. *Pedagogia do Bom Senso*. Edição 7: Martins Fontes, São Paulo, 2004

IMBERNÓN, F. *Pedagogia Freinet: A Atualidade das Invariantes Pedagógicas*. Porto Alegre, RS, Penso, 2010.

IVIC, I. Lev Semionovich Vygotsky. Recife, PE, Massangana, 2010. Recurso Digital

OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky: Um Aprendizado e Desenvolvimento em um Processo Histórico*. Edição 4. Scipione, São Paulo, 2002.

REGO, T. C. *Vygotsky: Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação*. Edição 25: Petrópolis, RJ, Vozes, 2014.

VYGOSTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Editora, 2007.

_____. *Pensamento e Linguagem*. Edição RidendoCastigat Mores Versão para eBook Fonte Digital www.ebooksbrasil.org.

_____. *Pensamento e Linguagem*. Edição 2. São Paulo: Martins Fontes, 1998.